



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da União Operária Nacional  
EDITOR **JOAQUIM CARDOSO**  
Redacção e administração - Calçada do Gombro, 38-A, 2.º  
Lisboa - PORTUGAL  
End. telegr. Talha - Lisboa - Telefone: 1  
Officinas de Impressão - Rua da Alameda, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O plano "deles" NOTAS E IMPRESSÕES O Proletariado francês contra o Crime A GREVE FERROVIÁRIA

Parecerá estranho que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses e o governo, ante a greve do pessoal ferroviário, que tantas perturbações tem trazido à economia do país, se mantenham na atitude de manifesta intransigência que temos observado. Essa estranheza mais se avoluma ao saber-se que, por motivo da greve, que reveste um aspecto de alta gravidade, quer pela sua rara importância, quer pela longa duração, tem o consumidor sofrido severamente, tendo agravado-se de dia para dia o preço da vida, mas algo tem sofrido também o comércio, que na actual situação não encontra ensejo, por ausência de mercadorias, a meter-se em transacções de vulto, aquelas transacções que dum golpe lhe metem na bolsa hianta uma centena de contos de réis, que com enriquecer os poucos se não contentam os ladravazes discípulos de Mercúrio.

Por outro lado, sabe-se que a Companhia vê profundamente afectados os seus interesses, não só pelos lucros que tem deixado de perceber durante este longo período de greve, mas pelo anormal funcionamento dos comboios, mas também e muito especialmente pela deterioração de máquinas e outro material e não menos pelo roubo e estrago das mercadorias que se estendiam ao longo dessas estações, uma grande parte das quais terá que repor em diário.

Infelizmente, porém, ainda a incluir, na longa lista dos que têm perdido com a dura contenda, o governo, ou melhor, o Estado, posto que, em consequência da greve, as tropas em serviço através a linha ferrea tem acarreado despesas importantes ao erário público, despesas que não serão cobertas pela Companhia.

Estes os prejuízos materiais. Mas há também os morais que, se pudermos ser imodestos, se elevam a uma importância summa, tendo nós boas razões para supor que se os prejuízos desta natureza são avultados em relação aos prejuízos, muito mais o são em relação ao governo e à Companhia, que através a demorada luta tem sido assaltados por mil contrariedades, embora não queiram dar a impressão de estarem enfeados duma serenidade absoluta.

Como se explica então a resistência da Companhia às reclamações dos grevistas, sabido como é que estes não fazem uma exigência incomportável, se viermos em atenção as dificuldades da vida e as conquistas feitas, com menor esforço, por outros salarizados?

A irreducibilidade da Companhia explica-se no propósito em que estão os capitalistas de anular, por um movimento combinado, embora para esse efeito muitos deles tenham que sofrer transitoriamente fortes prejuízos, o êxito das reclamações do operariado, conatos que, com o insucesso das tentativas deste, enfraquecerão a maior força que, se levanta na sua frente, dando golpe tão profundo na organização de classe dos trabalhadores que esta ficará de tal modo desmoralizada que não só não se achará apta, durante muito tempo, a produzir novas reclamações, mas nem sequer reúnir as condições de resistência necessárias a defender com eficácia as conquistas já efectuadas, quer sob o ponto de vista do aumento de salário, quer sob o do horário de trabalho. E assim achar-se-iam os nossos adversários naturalmente habilitados a impor-nos, quicquid durante muito tempo, as condições em que deveríamos exercer de futuro a nossa actividade de trabalhadores.

E' este o seu plano, plano maquiavélico, que começou de ser posto em prática pelo negro Alfredo da Silva - a cabeça pensante do alto industrialismo - o qual, a despeito de haver sofrido, com a recente greve do pessoal das suas fábricas da União Fabril, tremendos prejuízos, não cedeu à forte pressão que contra ele realizaram os grevistas e o proletariado que secundou a acção destes, para, quebrada a resistência daqueles operários, lhes impor condições de trabalho muito mais suportáveis que as que tinham ao abandonar as fábricas.

### O pequeno vagabundo

Era domingo, e o sol ardente de julho dardava, a prumo os raios suaves do meio-dia. Dir-se ia que a rua, inundada de luz tão violenta, afastava de si os passantes, pois não obstante a hora convidar a uma depressão, o calor enorme que fazia levava, para longe, toda a gente da cidade. Apenas uns três parvos, desses que, como tristes, guizalham por aí fora a sua incompetência, mostrando em toda a parte a vacuidade dos seus cérebros doentes, conversavam e riem perdidamente, tirando as vidraças dos olhos gastos e apagados de libertinos, para melhor poderem dar largas à sua hilaridade. Estavam à porta da igreja e certamente aguardavam alguma coisa, porque uma respeitável fila de trens indicava um casamento de gente rica. Aproximem-se. A inteligência, e o espírito dos três vadios, mas baços como os vidros que usavam, esfumavam-se em graças de moça de freies, e eles abriam muito a boca, dando estrondosas gargalhadas. Entretanto, o sol queimava-lhes os costados, mas eles pareciam não dar por isso, e na profusão de gestos e atitudes com que condimentavam a charlata pizavam uma coisa que, à beira da valeta, estendia eternamente a mão, esperando uma esmola que não vinha nunca. Era uma criança ainda? Seria um velho, curvado, amachucado, torcido, como uma barra de ferro entre línguas de fogo? Nenhum o poderia dizer. Era um farrapo humano, um objecto inanimado, insensível a tudo quanto se passava à sua volta, dessas criaturas que nascem e morrem, sem nunca ter chegado a saber porque vivem nem para que vivem, que passam a sua existência de miséria, de dias nas valetas, de noites nos portais, arrastando uma vida imbecil, sempre à margem das ruas como à margem das leis, caminhando às apalpadelas no meio da sociedade que os atropela e se afasta deles com asco e com nojo, condenando-os a conservar, à torção do sol e ao látego da chuva aquela mão, sempre igual em todos os miseráveis, desamparado e sujo, que agora se estende, implorando, e um dia avançar a ameaçadora. Possivelmente era um garoto que ali estava. Mas ninguém poderia dizer que não fosse também um velho. O rapaz, sentindo-se pizado, não se moveu, nem se queixou. Os ombros farrapos não a blusa esfarrapada, por cujos buracos se analisavam as garras da fome. Os olhos estavam parados e as faces cobertas de feridas, das quais algumas sangravam ainda. Tinha os cabelos castanhos e o nariz afilado. Os três fainetas não viram o rapazito. O rapazito também não viu a eles. Era cego, e a cabeça inclinava-se ora para um lado ora para o outro, com um movimento automático de pêndulo de relógio. Um idiota.

A mão continuava estendida, e o sol, cada vez mais quente, punha reflexos de prata nas poças de água que a rua, regada há pouco, ainda, mostrava aqui e ali. A breve trecho encontrei-me diante do pequeno, e perguntei a mim mesmo porque razão se consentia que vivessem criaturas como aquela, sujeitas, toda a sua existência, a um sofrimento perpétuo, sendo ao mesmo tempo uma fonte de constantes prejuízos para os outros. Absorvi-me completamente. Mergulhei em cogitação profunda, e lembrei-me, sem saber porque, de Lúcio que fez eliminar, outrora, na Grécia famosa, as crianças julgadas incapazes de atingir o desenvolvimento normal, lançando-as ao abismo do monte Taigeto. Perguntei-me porque razão se conservava a vida a esses entes, que só reclamam alívio e cuidados quando nada produzem, a não ser alguns cobres que a hipócrita caridade dos ricos lhes atira, com a mesma desvergonha e a mesma facilidade com que se metem na cama com as suas amantes. Platão e Aristóteles defenderam e pugnaram por aquele princípio, dum alto valor social e económico, e que só alguns humanistas de papelão osunham contrariar, acusando aquela medida de egoísta, como se de egoísta não estivesse vivida a pobre sociedade de hoje, como o estava a daquela tempo.

Abisnei-me nestas reflexões e não repari que a noiva, radiosa como o sol daquela manhã de julho, saía pelo arco do seu bem amado. Era uma criança também. Vinha um pouco pálida, mas os olhos brilhavam com extraordinário fulgor, como se tivesse acido de subir metade do caminho, áspero e íngreme, que conduzia à felicidade. Acabava de subir, com efeito, mas... ali dela, a outra metade iria custar-lhe mais ainda. Era bela, e o vestido branco fundido-se com o rosto, tina branca alva. Os três da panelinha diziam observando, olhando o aspecto forte dos noivos - cujos lábios sorriam numa atitude contrafeita e ridícula - a contrastar com a transparência vaporosa da rapariga, que pousava, de quando em quando, como que relesiosa, os olhos verdes no rosto do mancebo. Era feio. Tinha os cabelos loiros, dum feio baço, e os lábios vermelhos. Saíram, e não repararam no fado, que continuava abandonando tristemente a cabeça, como que a censurava por não lhe terem aliado os lábios da paz. Olhei um momento o rapaz, e procurei no bolso qualque moeda. Os trens rodavam. Mas na ocasião em que ia favorecer-lhe a humilhação com a minha esmola, senti uma impressão formidável de nojo, de vergonha, de revolta, e fugi sem saber se ele, o pária, o miserável, a vítima desta engrenagem social, iniqua, e feroz, agradeceria mais a moeda que lhe enganasse a fome, ou o tiro que lhe acabasse a vida.

Afastei-me horrorizado. O sol escaldava, e dos trens já se não ouvia mais do que um ruído confuso.

Antero de LIMA

### Nas horas graves das responsabilidades

hísticas em que os partidos e os homens fixam para muito tempo o seu nível intelectual, moral e político, todos os que se consagraram a vida à acção socialista no seio da Secção Francesa da Internacional operária tem o direito de registar com legítima alvuz que o Partido Socialista francês, em quase todas as suas Federações, salvo poucos desfealdamentos individuais e passageiros, se acha à altura do seu papel histórico: repudia com horror um tratado de vingança, de brutalidade e de guerras futuras.

Paga a sua dívida de honra à 1.ª Internacional e ao Partido operário alemão que, em 1870-1871, viu o seu directório e os seus chefes, Bebel e Liebknecht, arrastados, de pulsos algemados, para as prisões do Império, por terem prestado com todas as suas forças contra um tratamento brutal e iníquo, infligido à França militarmente esmagada.

Entretanto, pouco depois do Tratado de Francfort, um estatístico francês de mérito, Alfredo Nymark, registava, com algarismo, na "Société de l'Economie Politique de Paris", que a França, apesar da indemnização de cinco bilhões, ia levantar-se de novo e voltar a ser uma potência económica de primeira ordem. Foi o que sucedeu.

O caso é diverso quanto à Alemanha saída do Tratado de Versalhes. A Alemanha, grande potência industrial, que, com os seus 70 milhões de habitantes, se vira, já antes da guerra, apertada num território igual ao da França, tiram-se 910 da sua frota mercante, 910 do seu ferro, 35% do seu carvão. Condenam-na a pagar, num prazo muito curto, 55 bilhões de francos, tendo em conta o câmbio actual do marco, e num prazo menos próximo, quasi a totalidade dos seus haveres nacionais, não se determinando o total da sua dívida. Não falamos da perda de 18% do seu território e de todas as suas colónias, porque, como socialistas, a nenhum povo reconhecemos o direito de propriedade exclusiva sobre a terra e sobre os povos conquistados e sujeitos.

Todos os partidos políticos da Alemanha, incluindo os comunistas, consideram unanimemente o Tratado de Versalhes como uma sentença de morte política e económica para o povo alemão, que acaba de sacudir o jugo secular da monarquia e dos senhores terrateis e de se constituir em república democrática mais livre e bem organizada do que a República oligárquica da França. Todos os partidos da Alemanha declaram inequívoco e desumano esse tratado de estrangulamento. Mais do que danos

Ch. RAPPOPORT

### QUEM SÃO OS BÁRBAROS?

Edith Cavell e Jeanne Laborde

Oficiais franceses assassinam, a tiros de revólver, uma mulher francesa

No Exploté, de Bruxelas, relata Frédéric Denis um facto revoltante, até agora quasi totalmente ignorado: o facto do silêncio que em torno dele se tem feito. Transcrevemos, por isso, o artigo inserido no jornal belga:

"Quando Miss Cavell tombou, varada pelas balas alemãs, levantou-se no mundo inteiro um clamor a condenar esse assassinio. Quando o cadáver de Rosa Luxemburgo foi ultrajado pela população de Berlim, a burguesia da Entente fingiu lamentar a infeliz mulher, mas mal escondendo a alegria de ver desaparecer uma 'perigosa' revolucionária. Mas quem falou, quem falou do assassinato de Jeanne Laborde? Sobre isto, a imprensa capitalista da Entente guarda um silêncio de cúmplice. E' preciso, no entanto, que se saiba que oficiais franceses assassinaram uma mulher francesa.

A quando da ocupação de Odessa pelas tropas aliadas, o grupo comunista de Moscou enviou a essa cidade seis delegados encarregados de entregar aos soldados manifestos destinados a esclarecê-los sobre os maneios odiosos da reacção mundial na Rússia. Estes seis delegados foram detidos pelas autoridades militares francesas e condenados a morte. Entre eles encontrava-se uma mulher, de nacionalidade francesa, Jeanne Laborde, antiga aluna da Escola Normal de Sévres. Temendo, e com razão, que os soldados franceses se recusassem a executar esta infeliz, decidiram os oficiais encurralar-se eles próprios da tarefa. Foram buscar os seis prisioneiros em automóvel, durante a noite, fingindo que os mudavam de prisão, depois do que os conduziram para um cemitério onde os mataram a tiros de revólver. Um serviço, que se encontrava entre os condenados, conseguiu escapar-se mercê da obscuridade. Descreveu depois o massacre no Pravda.

Estes factos não são ignorados pelas autoridades francesas. Na opinião de 31 de Maio, o sr. Henri Massis, reacçãoário, um dos caluniadores de Romain Rolland, alude aos factos nestes termos: "E' verdade que uma infeliz, antiga aluna da Escola Normal de Sévres, foi enviada por Lênine a fazer propaganda entre os nossos. Pagou-o com a vida."

Em que termos estas coisas são ditas! Quanto a nós, proletários, que temos destes factos uma consciência mais profunda, devemos doravante juntar o nome de Jeanne Laborde ao nosso martirio. E quando vierem falar-nos de Miss Cavell, martir da pátria, responderemos com Jeanne Laborde, martir do proletariado. Porque os mártires do povo tombam nas fileiras do povo, pela causa do povo.

### material, inflige o Tratado de Versalhes

a um grande povo uma humilhação moral indelevel, pondo-o oficialmente fora da família dos povos civilizados e desarmando-o, a ele sómente, no meio dos povos armados. Assim o reduz ao estado de povo menor, à mercê dos seus vizinhos. E' o assassinato moral de uma nação que, pela Reforma, pela sua filosofia, sua arte e sua ciência, pelos seus teóricos, suas organizações socialistas e operárias, prestou à humanidade inolvidáveis serviços.

O Tratado de Versalhes é um triplé crime: contra a França, contra o povo trabalhador alemão, contra a humanidade.

Um crime contra a França! Ele condena a França, exausta e de fraca natalidade, a manter-se em pé de guerra durante longos anos, exercendo o papel de carcereiro dum povo vizinho, fremente de cólera e de raiva. Submete a França, que tanto tem sofrido com a reacção patriótica, ao domínio dos mais cegos nacionalistas, adversários de todo e qualquer progresso político e social. Põe a França revolucionária à testa de uma coligação contra-revolucionária.

Sobrecarrega-a com um fardo financeiro que ameaça arruiná-la por completo. Rodeada de democracias do povo hostis, a vida da França fica de ora a diante à mercê das coligações e combinações políticas futuras.

Um crime contra o povo alemão! Porque o entrega, atado de pés e mãos, aos seus formidáveis rivais económicos, certos agora da hegemonia mundial. Não lhe consente a reconstituição das suas forças exaustas e entrega assim o seu novo regime aos furiosos ataques da reacção do antigo regime, que inevitavelmente responsabilizará a revolução alemã pela ruína e humilhação do país. O Tratado prepara assim a volta dos senhores terrateis e do militarismo prussiano derrubado.

E' um crime contra a humanidade! Porque o tratado, depois de ter momentaneamente abatido o militarismo prussiano, deixa de pé, reforçando-o, o militarismo e imperialismo interaliados. Apesar da platónica promessa de uma Sociedade das Nações, manteve a diplomacia secreta e o sistema das velhas alianças. Consagra um sistema de segredos mútuos dos Estados capitalistas contra a Revolução mundial. Conduz fatalmente o mundo a futuras e próximas carnificinas, ainda mais terribes do que a última.

Recusando ratificar o crime, o proletariado francês bem mereceu da França, da Internacional e da Humanidade

Ch. RAPPOPORT

Além disso, nós, os socialistas belgas, procedemos de maneira que o governo reaccionário da França não possa por mais tempo ocultar, ao conhecimento dos povos da Entente, o horror de um assassinio cometido por oficiais da República sobre uma sua compatriota.

Que de cada grupo do partido operário se levante o protesto que este assassinio reclama. O mundo acabará por sentir-se emocionado.

E avisemos a reacção capitalista de que o povo saberá vingar-se, na hora do ajuste de contas, na hora próxima em que Jaurès, Liebknecht, Rosa Luxemburgo, Jeanne Laborde e todos os nossos mártires anónimos ditarão o que temos de fazer."

### II Congresso Nacional Operário

A comissão organizadora, tendo em atenção que o delegado de Lisboa iria directamente ao Congresso de Amsterdã, já o não pôde fazer, em consequência do embargo posto pela autoridade francesa, resolveu não insistir com as associações aderentes, ou que ainda venham a aderir ao Congresso Nacional, pela cobrança da segunda cota de um centavo que foi votada ultimamente para aquele fim.

No entanto, subsiste a que foi primeiramente votada, pois além de partir o delegado indirecto, há despesas já feitas que serão pagas com aquela recolla.

Subsiste igualmente a cota de mais um escudo para as despesas do Congresso Nacional, sendo conveniente que as associações tenham em consideração esse facto para os efeitos devidos.

As Associações que já contribuíram com a segunda cota para o Congresso de Amsterdã serão devidamente reembolsadas.

### Perseguições à imprensa operária

SILVES, I. - Os operários corticeiros desta vila protestam contra as arbitrariedades do governo sobre a imprensa operária, fazendo sinceros votos para que os nossos órgãos A Batalha e Avante! tenham a maior circulação possível.

CHAVES, 28. - Tem este por fim participar-vos que, pela autoridade administrativa desta vila, foram apreendidos dois números do vosso jornal A Batalha, referentes aos dias 24 e 25 do corrente, chegados aqui ontem.

Preguntada por que motivo assim procedia, alegou haver para tal fim recebido ordem do governo!! - C.

### A firmeza dos ferroviários impõe-os à simpatia do operariado

O esmagamento da classe ferroviária, tão numerosa, tão assistida de justiça nas reclamações que agora formulou, reabilitada aos olhos de todo o movimento operário, de passados erros, pela atitude de inquebrantável firmeza, de nobre intransigência que tem sabido manter - o esmagamento da classe ferroviária não é possível, por mais que se esforce, para conseguir esse desideratum, os governantes, em pleno acordo com os preponderantes da falida Companhia. E não é possível esse esmagamento porque toda a classe operária vê a energia da primeira hora de luta. Mais ainda. Duplicaram em decisão, em resistência, em firmeza. E vencerão. Vencerão mere do apelo com que toda a inmensa multidão trabalhadora os secundou. Seria esta circunstância um incentivo se os ferroviários necessitassem dele. Não necessitam. Mas podem agradecer que a predisposição que os suporta, e a acção operária, sempre vigilante, sempre alerta, surgirá então. Saibam os ferroviários esperar. Saibam confiar que não estão sós. Mantenham-se no campo da resistência até à última. E se as forças lhe faltarem no decisivo momento, alguém acorrerá em seu socorro. Neste instante, saber confiar. E' quasi o mesmo que saber vencer. Ter fé eventual a alcançar o triunfo. Seguros estejam os ferroviários de que, se o tiro mesmo os quiseram derrotar uma coraça viva os defenderá. A essa coraça usamos nós chamar: Solidariedade operária.

### Nota oficiosa do Comité Central

Foi retirado o vagon "cantasma" ou, para melhor dizer, deixaram de nele andar os nossos camaradas.

O único objectivo, foi dar margem a que a Companhia Portuguesa, auxiliada pela força armada, efectue a "esbodega", desculpando-se com o pessoal em greve. O único fim é fazerem ver ao público que uma vez o vagon sem "retens", os descarrilamentos voltarão a dar-se, o que justificará as violências e brutalidades ainda na força.

A quem devemos pedir providências se o governo se colocou ao lado da Companhia?

E' tanta a miséria, é tanta a raiva dos nossos inimigos, que só pensam em vandalismos próprios da classe a que pertencem, para prejudicar os homens que as suas intuições, tem respondido com o maior desprezo.

E' preciso que o público fique sabendo que se alguma desgraça se der, é da inteira responsabilidade da companhia e do governo, porque os grevistas não podem arcar com a responsabilidade de intuições que já mais praticaram.

Acaba a C.P. de pôr em prática mais um "truque", para ver se pega: Oute o público, e ponha-se em guarda: Pelo micro-telefone, dão como apresentados alguns camaradas dos que estão mais em destaque, fazendo grande reclame da sua apresentação e pretendendo que os outros, vendo aqueles retomar o trabalho, lhes sigam os passos. Enganam-se os inquisidores.

Qualquer dia são capazes de afirmar que o comité está hospedado em casa de sua excelência o sr. Tomé de Barros Queiroz, quando afinal ele está a esta hora sob uma barraca de campanha, com o mesmo que mesa, uma pedra, papel e lápis, o bastante para poder cumprir o seu dever até à vitória, que será nossa, ninguém o duvide.

E' assim, a companhia dá vanto como apresentados ao serviço, os camaradas Pina Cortes e Pestana, quando isso é falso, porque seria mais fácil secar o oceano do que estes camaradas irem enfileirar ao lado dos traidores.

A fca o aviso para que não haja ilusões. Ca fcamos esperando novas trafulcâncias, predilecto-manjar dos nossos antagonistas.

Como complemento desta nota enviamos alguns interessantes informes que acabamos de receber.

A vitória aproxima-se a passos lentos, mas certos.

Que ninguém arredre um passo do caminho trilhado.

Serenidade e confiança.

Viva a Greve Geral!

### Nota oficiosa do Sindicato

A Comissão de Melhoramentos continua aguardando que a comissão de parlamentares a mande chamar para a solução da greve a que a última se propõe, entre o governo e o pessoal, visto apenas daquele depender a solução do conflito, pois que é a única entidade que pode propor ao parlamento as medidas necessárias, não só para atender a situação financeira da C. P. como a do seu pessoal tendo sido as reclamações deste último a principal dificuldade para resolver o conflito, pois que o governo, as ordens da C. P., apenas pretende resolver o problema financeiro com manifesto prejuizo dos interesses nacionais e dos respeitantes ao pessoal, que não se julga com menos direitos que a prodiga e fraudulenta administração da C. P.

Os ferroviários vão publicar um manifesto ao país para demonstrar quanto tem custado à nação a criminal e inconsistente intransigência do governo, e onde se demonstrará que, ao contrário do que se continua afirmando, não foram os trabalhadores que receberam ouro estrangeiro para provocar a greve ferroviária e complicá-la.

O governo está empantado a greve até fechar o parlamento, porque sabe

que cairá ali no dia seguinte àquele em que o pessoal retomará o serviço, quer seja vencido quer seja vitorioso.

Na linha do norte descarrilou um comboio devido à inesperienza dum aguilheiro. Em que tribunal se averiguará das responsabilidades da administração da C. P. e do governo que a cobre neste e noutros desastres que necessariamente hão de suceder?

Diz a C. P. que vai contratar pessoal estrangeiro. Faz bem. Mas prepare-se para alargar os cordões de bolsa.

### Comunicado do comité central

Um telefonema informava-nos que o chefe Costa, de Sintra, qual D. Quixote, se fardou de militar e, empunhando uma espingarda, tem pintado o diabo, fazendo cenas verdadeiramente cómicas, montado num Rocinante que deve ter sido fornecido pelo exército. E' um grande pândego, o chefe Costa... Afé parece o inspector Sousa de Paiva, quando da incursão concuista. Dois autênticos idiotas!

O chefe Santana, de Barcarena, depois de estar a representar connosco, dizendo que não seria traidor à classe, chegando até a afirmar um documento nesse sentido, que está em nosso poder, lá se foi apresentar, naturalmente ao chefe duma gratificaçãozinha dum mês de ordenado, como aconteceu em 1914: mas desta vez há de enganar-se o insigne Santana.

Os camaradas Francisco da Silva, Eduardo Costa Lima e João Augusto, grevistas da C. P., evitaram um desastre ontem na passagem de nível do Rego, pois aproximando-se uma máquina isolada, guiada por militares, as cancelas estavam ilegalmente abandonadas, porque os guardas também são grevistas, e a Companhia não os mandou ali substituir.

Se não fossem os camaradas que citamos, a estas horas estaria uma carroça, dois bois e um homem, felto em pedacos.

Está claro que os fiscaes do governo não vêem nada disto. Não se sabe se representam o governo ou a Companhia.

Uma autêntica chuchadeira.

Quanto ganharam os inspectores Bandeira e Pedro Nascimento, por andar pelo Rocio a enganar, entre os grevistas, empregados para retomarem o serviço?

Poderão responder-nos?

Na linha do Porto a Póvoa e Fa malico, apresentaram-se dois serralleiros extranhos, um condutor e um guardas-freio.

De Castelo Branco há novidade de primeira ordem: tudo firme.

Continua a raziá nos cais e dependências da Companhia, sendo os generos trocados a patacos; valha-nos isso. Depois se verão as reclamações, que devem vir com abundância.

Temos um relatório dum mobilizado, que será publicado, no qual a honra de certos personagens fica deversas comprometidas.

Viva a greve geral!

### O Comité Central

A cosinha comunista

Na sede do Sindicato Ferroviário, foram ontem recebidas mais as seguintes quantias, para auxílio à cosinha comunista dos ferroviários:

Associação de Classe dos Calceiros, 5000; oferta de um camarada dos correios e telegrafos, 500; José Santos Carvalho, factor de 2.ª, 500; Armando Lourenço, 1900; Alberto Rodrigues, chefe de S. Torcato, 1500; Manuel Dutra, assessor, 350; António Silva, aguilheiro, 1300; António Henrique, assentador, 1900; Casimiro Alves, 500; Associação dos Estivadores do Porto de Lisboa, 4000; Construção Civil, secção do Beato e Olivais, 7500; Artur Rodrigues Ferrão, do Sul e Sueste, 1900; Associação de Classe dos Corticeiros, 3300; anónima, Campolide, 2800; lista 195, 3570; Raúl Pimenta, 1500; Oscar Oliveira, 1500; Jacinto Oliveira, 1500; S. V., 350; Augusto Florêncio, 500; obras da câmara, rua Possidónio Silva, 1500; pessoal da câmara, da Cova da Moura, 2339. Total, 79570. - Ant. U. S.

### Ao sr. presidente do ministério

Tendo um secretário da presidência do ministério comunicado a uma comissão delegada de vários organismos operários que procurara o sr. Sá Cardoso a fim de lhe reclamar a libertação dos camaradas detidos no Carmo, que o presidente do ministério estava informado de que esses camaradas viviam a custa das associações, não trabalhando, e devendo necessariamente possuir esse senhor as provas de tam grave afirmação, convidamos o sr. Sá Cardoso a apresentar-nos, a fim de que bem esclarecido fique o caso.



